

PAMPULHA: UM LUGAR PARA O LAZER

Recebido em: 15/10/2025

Aprovado em: 18/02/2026

Licença: 

Soraia Aparecida Martins Farias¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0005-6039-1028>

Renata Maria de Abrantes Baracho²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8335-9646>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo contribuir para a ampliação do conhecimento sobre espaços de lazer e ócio na cidade de Belo Horizonte, MG, Brasil. Em específico, são objetos de nosso estudo equipamentos culturais existentes no Conjunto Moderno da Pampulha, reconhecidos popularmente como locais de lazer e ócio, e sobre os quais incidem políticas públicas. Esse conjunto foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, nos primeiros anos da década de 1940, como polo de lazer e cultura de Belo Horizonte, e a partir de demanda por meio do então prefeito Juscelino Kubitschek (1940-1945). Em 2016, em reconhecimento aos valores culturais do conjunto, a UNESCO conferiu-lhe o título de Patrimônio da Humanidade. A propósito, dentre esses valores, destaca-se o fato do Conjunto Moderno da Pampulha expressar extraordinariamente a busca modernista por integração entre tecnologias construtivas avançadas e linguagens artísticas vanguardistas em, a um só tempo, a arquitetura, o urbanismo, o paisagismo, a escultura e a pintura. Especial ênfase é dada aqui à questão das políticas públicas implementadas com vistas a promover o acesso aos bens arquitetônicos e urbanísticos compreendidos como de lazer e ócio.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer e ócio. Arquitetura e urbanismo. Modernismo. Patrimônio cultural.

¹ Doutora no Programa de pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (2025) pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Atuações profissionais em entes públicos como no IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (2004-2006; 2014; No IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (2015-2021); no Departamento de Obras Públicas de Minas Gerais (2013) e na Prefeitura de Belo Horizonte desde 2024.

² Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura - PACPS/UFMG. Doutora em Ciência da Informação pela UFMG com PDEE na The Pennsylvania State University- USA. Áreas de atuação: Cidades Inteligentes, Smart City, Smart Building, Smart Life, Building Information Modeling/BIM, Sistemas de Informação, Modelagem, Ciência da Informação, com ênfase em Recuperação e Representação da Informação.

PAMPULHA: A PLACE FOR LEISURE

ABSTRACT: This article aims to contribute to expanding knowledge on spaces for leisure and idleness in the city of Belo Horizonte, MG, Brazil. Specifically, the objects of our study are cultural facilities existing in the Pampulha Modern Complex that are popularly recognized as places of leisure and leisure, and on which public policies affect. This complex was designed by architect Oscar Niemeyer, in the early years of the 1940s, as a leisure and cultural center for Belo Horizonte, at the request of the then city mayor Juscelino Kubitschek (1940-1945). In 2016, in recognition of the complex's cultural values, UNESCO granted it the title of World Heritage Site. By the way, among these values, it stands out the fact that Pampulha Modern Complex extraordinarily expresses the modernist search for integration between advanced construction technologies and avant-garde artistic languages in, at the same time, architecture, urbanism, landscaping, sculpture, and painting. Special emphasis is given here to the issue of public policies implemented towards promoting access to architectural and urban assets understood as being for leisure and enjoyment.

KEYWORDS: Leisure and idleness. Architecture and urbanism. Modernism. Cultural heritage

Introdução

Para o sociólogo Henri Lefebvre (2006, p. 6) “a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso”, e, por conseguinte, a produção do espaço e a reprodução social que a caracterizam estão diretamente associadas a, não apenas, o seu valor de uso para o trabalho e a habitação. Elas estão diretamente associadas, também, a seu valor de uso para o lazer e o ócio – seja ele elevado ou pífio, plural ou singular, incluyente ou excludente etc.

Este artigo consiste em uma breve contribuição para o estudo do tema, a partir de nossas pesquisas sobre fenômenos urbanos de lazer e ócio relacionados aos processos de desenvolvimentismo, industrialização e urbanização engendrados nas gestões de Juscelino Kubitschek (1908-1976) como presidente da República e governador do estado de Minas Gerais – e, antes e mais especificamente, como prefeito de Belo Horizonte, nos anos de 1940 a 1945.

A cidade é como um cenário, onde um turbilhão de atos, hábitos e intervenções, concretos e presentes nos mais variados processos, geram a diversidade. Nela, o indivíduo pode perceber-se como integrante e agente da sociedade; e parte dos cidadãos, traz a projeção de uma cidade que se quer, imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem.

Na história da cidade de Belo Horizonte, o positivismo é uma presença marcante e influencia a sua urbanização, nessa época, a cidade de Belo Horizonte, surge de um ideário republicano de modernização, em fins do século XIX (Barreto, 1996). E durante a gestão de Juscelino Kubitschek, é um reflexo da linha de pensamento apregoada pelo CIAM³ (Congresso Internacional da Arquitetura Moderna) e Le Corbusier (2008), onde eram exaltados os princípios da cidade ideal, essa tomada por retas. Para Le Corbusier (2008) a linha reta favoreceria o tráfego de veículos que afluíam pelas ruas tortuosas das cidades antigas, e disciplinaria o espaço urbano. De modo a trazer o hábitat e o bairro periférico para o ambiente urbano, com o planejamento regional, estratégico, ecológico e autossustentável, e assim passa a ter formas bem mais complexas de ocupação do solo; decorrentes da diversidade de atividades que atuam na cidade, uma setorização de funções em zonas específicas.

Dentro desta perspectiva positivista, Belo Horizonte, projetada para estar contida dentro dos limites da Avenida do Contorno, não cogitou os aspectos da sua topografia irregular ou uma expansão da economia e da ocupação urbana que viriam com o passar dos anos.

³ O CIAM constituiu em uma série de eventos organizados pelos principais nomes da arquitetura moderna internacional a fim de discutir os rumos a seguir nas várias disciplinas da arquitetura (Paisagismo, Urbanismo, Exteriores, entre outros). Em 1928, em La Sarraz, na Suíça, ocorre a formalização de uma organização que potencia encontros visando o debate acerca do Movimento Moderno, os CIAM.

Dentro desse anel, o traçado urbano não induz o olhar a apenas descobrir as arquiteturas onde os poderes republicanos se encontram materializados, mas também nos convida a acompanhar o curso do sol, da lua e das estrelas. Ele revela a gigantesca abóbada celeste que nos protege e que integra – como em nosso “lábaro estrelado” – todos os Estados da Federação. Essa paisagem de caráter predominantemente cósmico, mesmo que contida ao rés-do-chão pela Avenida do Contorno, consegue escapar rumo ao norte e estabelecer uma perspectiva do longínquo que nos convida a descer o Rio das Velhas, se deixar levar pelo Velho Chico, fazer o grande sertão e resgatar o mar (Tofani, 2003).

Belo Horizonte encontra-se dentro da perspectiva das cidades jardim, modelo de cidade completa e fundamentada em uma sociedade global (Choay, 2008), onde a urbanidade está a serviço da qualidade de vida, preservando a disseminação das construções, permitindo uma complexa revolução social por meio de mecanismos financeiros e imobiliários. A cidade torna-se conhecida por sua busca contínua por renovação urbana e modernização, ao investir em projetos de infraestrutura.

No entanto, na década de 1930, inicia-se um segundo momento de maior desenvolvimento urbano da capital que acarreta uma significativa expansão urbana da cidade – e numerosos problemas. Afinal, não havia previsão no plano de Aarão Reis de um crescimento tal como o que ocorre a partir daquele período; crescimento diretamente ligado à política desenvolvimentista de Getúlio Vargas nos anos 30 e que, futuramente, seria assumida por Juscelino Kubistchek, quando prefeito de Belo Horizonte, na criação da Pampulha.

Ainda em 1935, uma vez que o anseio pela modernização continuava impulsionando a cidade, foi apresentado, pelo engenheiro Lincoln Continentino, um

Plano de Urbanização para Belo Horizonte. Mesmo não tendo sido inteiramente implementado, várias de propostas contidas nesse plano foram adotadas por prefeitos subsequentes. Nesse processo de expansão da cidade, as gestões municipais que mais se destacaram foram as do engenheiro Otacílio Negrão de Lima, prefeito de 1935 a 1938 (e de 1947 a 1951) e, posteriormente, por JK. Esses dois políticos vislumbravam na região norte da cidade uma área para lazer, ócio e recreação.

E ao ser criada a Pampulha, enquanto bairro e posteriormente região, surge em um período de reorganização do Estado brasileiro na busca pela consolidação de uma nova realidade social, “mais complexa, urbana e industrial que pudesse favorecer a inserção do país na rota de modernização aberta pela civilização europeia” (IPHAN, 2016, p. 138). Dessa forma, vê-se a atuação do poder público por meio de políticas públicas, inicialmente voltadas para o lazer e o ócio, e posteriormente transformadas em políticas para o turismo, culminando na titulação do Conjunto Moderno como Patrimônio da Humanidade em 2016.

A criação da Pampulha passa pelo ciclo de vida das políticas públicas⁴, e assim se funde à história de Belo Horizonte, tendo seu ápice enquanto local de lazer e ócio na década de 1940 com a criação do Conjunto Moderno da Pampulha, projeto original de Oscar Niemeyer. Essa proposta surge do desejo patente pela modernização do prefeito JK, que procurava associar as reformas urbanas ao desenvolvimento econômico, e com isso, foi feito o convite para Oscar Niemeyer visitar in loco pela represa da Pampulha, criada no governo de Otacílio Negrão de Lima. O Museu de Arte da Pampulha, antigo

⁴ O ciclo de vida das políticas públicas vai desde a identificação do problema à formatação das soluções/alternativas, pela sua avaliação e posterior extinção. Disponível em SECCHI, Leonardo. Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, c2014. 168 p.

Cassino, foi o primeiro projeto de Oscar Niemeyer para o Conjunto Arquitetônico da Lagoa da Pampulha.

Esta combinação entre JK e Niemeyer alavancou a cultura arquitetônica da cidade, posteriormente do país, modificando a sua fisionomia, bem como propiciando a expansão urbana, política e industrial. Todo o conjunto arquitetônico celebra o advento da revolução modernista, pois representava um espaço dos novos tempos.

A construção da Pampulha deu continuidade aos esforços iniciados com a criação de Belo Horizonte para afirmar a nova posição de Minas Gerais no cenário nacional de forma moderna e republicana. Da mesma forma que a nova capital se sobrepôs à antiga Curral Del Rey, o Conjunto Moderno da Pampulha deveria substituir as fazendas que resistiam ao ímpeto modernizador, nos anos 1940. O prefeito Juscelino Kubitschek realizou na cidade os anseios desenvolvimentistas através de uma inovação urbanística e arquitetônica. De fato, Belo Horizonte pode ser considerada “a primeira tentativa de Juscelino para dar forma ao seu projeto político – fazer brotar no Brasil, e no cenário latino-americano, uma sociedade industrial urbanizada, enraizada na utopia de uma cidade modernista. As ações realizadas na cidade durante as gestões de JK como prefeito e como governador – a abertura ou o prolongamento de largas avenidas, a pavimentação de ruas, a edificação de arranha-céus, a construção de escolas e hospitais etc. – foram uma tentativa de edificar obras tangíveis que pudessem dar visibilidade ao ideal republicano que o político vislumbrara para a cidade. As transformações introduzidas em Belo Horizonte neste período, portanto, podem ser interpretadas como “um sinal muito significativo de sua intenção de abrir eixos de integração entre uma Belo Horizonte sempre incorrigivelmente provinciana e o universalismo cosmopolita do mundo moderno (Starling, 2002, p. 33, apud IPHAN, 2016, p. 140).

No arcabouço do dossiê da candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha à Patrimônio da Humanidade, diversas outras políticas públicas foram se somando e o poder público teve participação ativa na consolidação desta titulação, marcada pela revolucionária e *sui generis* arquitetura moderna brasileira. Conjuntamente ao patrocínio de inúmeras obras, identificadas como “signo do progresso e da modernização, as edificações públicas modernas vincularam políticos e jovens arquitetos, que encontraram aí o lugar privilegiado para a livre produção de soluções técnicas e estéticas inovadoras” (IPHAN, 2016, p. 138). A influência dos princípios defendidos por Le Corbusier, levou à sua reinterpretação por Oscar Niemeyer, que de maneira

singular soube incorporar os elementos representativos do passado colonial, sobretudo do barroco mineiro, ao movimento moderno brasileiro.

Enquanto prefeito de Belo Horizonte, ao convocar Niemeyer, JK lhe indicou onde e quais equipamentos deveriam fazer parte daquela empreitada. E no ano de 1942, foi inaugurado o conjunto, que compreendia o Cassino – Museu de Arte da Pampulha-, a Casa do Baile, o Iate Golfe Clube - atualmente Iate Tênis Clube - a Igreja São Francisco de Assis e uma casa de veraneio para o prefeito JK. Todo o projeto paisagístico ficou a cargo de Roberto Burle Marx, e contou com a participação dos afrescos e azulejos de Cândido Portinari e das esculturas de Alfredo Ceschiatti.

A Lagoa da Pampulha, inserida no projeto de modernização e desenvolvimento urbano promovido por Juscelino Kubitschek, desempenhou um papel fundamental na valorização estética da paisagem da cidade. Integrando-se ao plano de urbanização da Pampulha, a região seria o local para o veraneio e grandes chácaras, que em 1940 viria a ser cercado por um conjunto arquitetônico modernista. Dessa forma, a criação da Lagoa da Pampulha cumpriu diversas funções, englobando aspectos práticos, estéticos e recreativos, e tornou-se um elemento central na transformação da região em um importante ponto turístico e cultural de Belo Horizonte.

Pampulha foi um sucesso. De Lúcio que a visitou, recebi este telegrama: “Pampulha é uma beleza.” De De Roche, 20 anos depois, em Paris, esta declaração reveladora: “Pampulha foi o grande entusiasmo da minha geração.” Poucos se insurgiram contra a liberdade de formas que sua arquitetura apresentava. Mas depois, quando ela se multiplicou, livre e criadora, muitos se alarmaram. Sem surpresa os ouvia, compreensivo diante do desafio que provocava, habituados às fórmulas fáceis e repetidas do funcionalismo. E como a competição profissional existe, contra a liberdade plástica eles se manifestavam. Mas, a arquitetura “funcional”, “purista”, “racional” e “despojada” que pretendiam, nada representava de original e criador (Niemeyer, 1998).

Antes de 1940, a região da Pampulha, em Belo Horizonte, era predominantemente rural e pouco desenvolvida. A Lagoa da Pampulha foi inicialmente

projetada para controlar o fluxo de água dos córregos da região, proporcionando um recurso hídrico importante para a cidade.

A área que abriga o Conjunto Moderno era parte de uma antiga fazenda, responsável pelo abastecimento agrícola da cidade de Belo Horizonte. Esta área foi loteada e urbanizada na década de 1940, dando lugar a um empreendimento modernizador que atraiu a atenção de vários intelectuais e artistas de todo o Brasil por promover uma interação entre arquitetura, artes plásticas e paisagismo (IPHAN, 2016, p. 144) .

Posteriormente, foi parte integrante do projeto de modernização e desenvolvimento urbano liderado por Juscelino Kubitschek, onde tinha a função de embelezar a paisagem da cidade, integrando-se ao plano de urbanização da Pampulha, que incluía a construção de um conjunto arquitetônico modernista ao seu redor. Assim, a implantação da Lagoa da Pampulha teve múltiplas finalidades, abrangendo aspectos práticos, estéticos e recreativos, e desempenhou um papel central na transformação da região em um importante ponto turístico e cultural da cidade.

Ainda no projeto urbanístico de Aarão Reis, a Pampulha foi uma das primeiras diretrizes para a criação de espaços públicos de lazer na região. Projeto de Oscar Niemeyer, a partir da década de 1940, o arquiteto elaborou projetos icônicos para a região da Pampulha, e planejou a construção da Lagoa da Pampulha e dos equipamentos ao seu redor.

A construção do conjunto na Lagoa da Pampulha, foi impulsionada por Juscelino Kubitschek (como Prefeito de Belo Horizonte) e refletia um desejo fervoroso de modernização e desenvolvimento da cidade. Localizado em uma área em transformação, o projeto incluía uma lagoa artificial, edifícios arrojados e um urbanismo inovador, concebendo um espaço dedicado ao lazer e à cultura, especialmente dedicado à elite belo-horizontina. Essa escolha estratégica tinha o propósito de não apenas embelezar a cidade, mas também posicioná-la como uma metrópole moderna e

cosmopolita, capaz de refletir os novos valores da sociedade em meio ao progresso e à sofisticação (Bahia, 2011, p.14).

Os edifícios do Conjunto Moderno da Pampulha, no mais autêntico estilo modernista, pela sua sofisticação e capital simbólico a que está relacionado, foi capaz de despertar na população um anseio por *status* e pertencimento, mesmo entre os cidadãos comuns⁵. As obras figuravam (e ainda figuram) como representantes de um ideal de modernidade, e se tornavam um veículo de poder simbólico (Bourdieu, 2007). A beleza estética e a inovação tecnológica se uniam para criar um senso de pertencimento a uma classe social *avant-garde*, que os habitantes da cidade desejavam incorporar em suas realidades.

O capital simbólico confere poder e legitimidade - poder simbólico - ao agente ou grupo que o possui, a partir de seu reconhecimento dentro de determinado campo. Essa posse também está relacionada à posição do agente dentro do campo, e se dá em relação aos demais agentes, pressupondo o “desconhecimento da violência que se exerce através dele” (Bourdieu, 2007, p.198).

O poder simbólico (Bourdieu, 1989) refere-se à capacidade de uma pessoa, grupo ou instituição de influenciar a maneira como os indivíduos percebem a realidade e agem em conformidade. Esse tipo de poder não se baseia em coerção física ou recursos materiais, mas sim na manipulação de símbolos, significados e valores que moldam as crenças e comportamentos das pessoas. Para ele, o poder simbólico é “com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p.7).

(...) uma espécie de ‘círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma’ – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico

⁵ No livro *Les gens de peu* (1989), Sansot define o "cidadão comum" como o indivíduo que, embora muitas vezes marginalizado nas discussões e representações sociais, possui uma rica interioridade e um cotidiano significativo. Ver: Sansot, 2011, p.7).

é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 1989, p.7-8).

Bourdieu argumenta que o poder simbólico opera por meio da imposição de formas culturais que moldam as percepções, os valores e os comportamentos das pessoas. A memória coletiva, ou seja, as lembranças compartilhadas de uma sociedade sobre seu passado, é uma das principais formas pelas quais esse poder simbólico é exercido. Através da seleção, da interpretação e da apresentação de eventos passados, grupos dominantes podem moldar a maneira como a história é lembrada e compreendida, promovendo assim seus próprios interesses e valores.

O Conjunto Moderno da Pampulha enquanto poder simbólico possui características que permeiam a relação entre cultura e poder simbólico de maneira bastante significativa. De acordo com Ulpiano de Meneses, a cultura desempenha um papel crucial na manutenção e legitimação do poder simbólico dentro de uma sociedade. Meneses argumenta que a cultura é uma das principais ferramentas através das quais o poder simbólico é exercido. Isso ocorre porque a cultura engloba sistemas de significado compartilhados, como linguagem, crenças, valores, normas, rituais, mitos e arte, que moldam a maneira como os membros de uma sociedade percebem a realidade e se relacionam entre si.

Entre os anos de 1940 e 2016, a região da Pampulha em Belo Horizonte foi alvo de diversas diretrizes e políticas públicas para a criação de espaços públicos de lazer. Naquela época, os equipamentos tinham a função de trazer o lazer para a elite belorizontina, como diversão por meio de jogos, bailes e esportes aquáticos e náuticos na lagoa. O cassino teve fama internacional e era uma verdadeira atração, foi um equipamento financeiramente muito proveitoso para seus donos e pouquíssimos sortudos, e funcionou nesta atividade apenas por quatro anos, pois em 1946 os jogos de

azar foram proibidos no Brasil. Sendo assim, o espaço passou a ser utilizado, durante aproximadamente dez anos, para bailes, festas de casamentos, eventos de formaturas e diversas manifestações artísticas, mantendo assim o seu caráter recreativo. A partir de então, passou a ser conhecido como Palácio de Cristal e, em 1957, por meio de um Decreto Municipal, passou a funcionar como museu, conforme preconizado por Assis Chateaubriand.

O acervo do Museu de Arte da Pampulha tem seu início com doações e prêmios de salões de arte, que repercutiram nas décadas de 1960 e 1970. Atualmente, esse acervo consiste em aproximadamente 900 obras, a maioria de Arte Contemporânea e, dentre elas, destacando-se obras de autoria de Guignard, Di Cavalcanti, Mabe, Tomie Ohtake, Franz Weissmann, Amílcar de Castro e Oswaldo Goeldi.

Outro equipamento que manteve sua vocação de cultura e lazer foi a Casa do Baile, que mesmo tendo sido ocupada por um restaurante particular por alguns anos, hoje sua vocação é ampliar o conhecimento acerca da arquitetura e do design, bem como a divulgação de sua importância do Conjunto Moderno da Pampulha para a arquitetura moderna brasileira.

O projeto de Oscar Niemeyer para a Pampulha contribuiu significativamente para o lazer na região, trazendo elementos arquitetônicos inovadores e espaços de convívio social. E para o desenvolvimento de infraestrutura da região onde foram realizados investimentos na infraestrutura da região, incluindo a criação de áreas verdes, ciclovias, calçadas e espaços de convívio, visando promover o lazer e o bem-estar da população. Presentemente, o turismo, enquanto política pública, também se tem ampliado em diversas possibilidades e interpretações para os bens culturais do país, que se restringiam ao patrimônio edificado e algumas festas tradicionais brasileiras.

Recentemente, o governo do Estado de Minas Gerais anunciou a implementação de uma embarcação para passeios turísticos gratuitos na Lagoa da Pampulha, com previsão para dezembro deste ano. A iniciativa faz parte de uma política pública que integra o Programa Reviva Pampulha, conduzido pela Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), que visa a limpeza e reestruturação do local, fato este que já estava previsto à época do reconhecimento como Patrimônio da Humanidade.

Os trabalhos de despoluição em curso permitem a retomada segura da navegação, com as atividades sem riscos de contaminação, conforme foi informado pelo poder público em 01 de outubro de 2025. O projeto de turismo náutico, que inclui a construção de um píer de acesso e três viagens diárias, visa a valorização do patrimônio cultural ao oferecer uma nova perspectiva de visitação aos monumentos do entorno (Mattana, 2025). Também, foram anunciados novos investimentos que serão destinados à continuidade da despoluição da lagoa, à revitalização da Avenida Otacílio Negrão de Lima, que percorre toda a extensão da Lagoa. Em síntese, a medida combina a promoção turística com intervenções estruturais de saneamento básico, buscando a revitalização ambiental e a requalificação sociocultural de um dos principais cartões-postais da capital mineira.

Dentro desta perspectiva a preservação do patrimônio cultural, também ao longo das décadas, em favor da singularidade do Conjunto Moderno da Pampulha, tem implementado políticas voltadas a esse complexo, visando conservar os espaços públicos de lazer e cultura projetados por Niemeyer e o conjunto arquitetônico da região.

O patrimônio cultural⁶ visto como “o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações” (UNESCO, 2013), faz com que o “espírito” do Patrimônio Mundial seja universal, podendo ser de qualquer parte do mundo, tornando os sítios reconhecidos como Patrimônio Mundial, pertencentes a todos os povos e culturas.

Na perspectiva de Meneses (1996)

(...) os valores culturais não são espontâneos, não se impõem por si próprios. Não nascem com o indivíduo, não são produtos da natureza. Decorrem da ação social. As seleções e opções feitas pelos indivíduos e grupos, para serem socializadas e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação (Meneses, 1996, p.92).

Com isso, aqueles que detêm poder dentro de uma sociedade têm a capacidade de influenciar e moldar a cultura dominante, promovendo certos significados, valores e narrativas que são favoráveis aos seus interesses e perpetuam sua posição de poder. Por exemplo, através do controle dos meios de comunicação, instituições educacionais e práticas culturais, os detentores de poder podem promover ideologias que legitimam desigualdades sociais, hierarquias de poder e sistemas de dominação.

Na candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha para Patrimônio da Humanidade cumpre destacar que o complexo foi “um dos primeiros grandes projetos brasileiros a integrar valores da cultura nacional às referências modernas europeias” (IPHAN, 2016, p. 141). É tido como a tradução por Oscar Niemeyer de modo exemplar a identidade nacional para a arquitetura, aspecto debatido desde a Semana de ‘22 pelos intelectuais brasileiros, refletindo ainda o projeto político do prefeito JK para Belo

⁶ O conceito efetivado pelo reconhecimento dos sítios históricos pela UNESCO é abordado em um primeiro momento como patrimônio cultural a partir da carta de Atenas em 1931, e consolidados pela Carta de Veneza em 1964, que também é conhecida como a carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios Históricos, que valoriza estes com a responsabilidade de proteger e transmitir autenticidade para as gerações futuras.

Horizonte. O Conjunto Moderno da Pampulha é um importante referencial da arquitetura moderna e é um marco histórico-cultural de Belo Horizonte.

A criação de um centro de lazer para Belo Horizonte ao redor do lago artificial formado por uma barragem construída em 1938 para garantir o abastecimento do município foi uma ideia que traduziu o interesse de fazer dessa área um símbolo de modernidade e de progresso para a cidade. A área que abriga o Conjunto Moderno era parte de uma antiga fazenda, responsável pelo abastecimento agrícola da cidade de Belo Horizonte. Esta área foi loteada e urbanizada na década de 1940, dando lugar a um empreendimento modernizador que atraiu a atenção de vários intelectuais e artistas de todo o Brasil por promover uma interação entre arquitetura, artes plásticas e paisagismo (IPHAN, 2016, p. 144).

Outro aspecto de política pública voltada para a permanência da Pampulha enquanto área de lazer e ócio para os moradores de Belo Horizonte e turistas, a requalificação urbana ocorrida entre os anos de 2000 e 2016 teve o objetivo de requalificar seus espaços públicos de lazer, restaurar edificações históricas e promover o turismo cultural na região. Essas diretrizes e políticas públicas contribuíram significativamente para a criação e preservação de espaços públicos de lazer na região da Pampulha ao longo do período mencionado. Os projetos de Niemeyer na Pampulha incluíram a criação de espaços públicos de convívio, como praças, jardins e áreas verdes, que se tornaram locais populares para o lazer e o descanso dos moradores e visitantes. E as repercussões desses projetos em Minas Gerais foram significativas, contribuindo para a consolidação da Pampulha como um importante polo cultural, turístico e de lazer no estado.

A região se tornou um ponto de referência para a arquitetura moderna brasileira e um destino turístico reconhecido internacionalmente, atraindo visitantes de todo o país e do mundo. Além disso, os espaços de lazer criados por Niemeyer na Pampulha influenciaram outros projetos arquitetônicos e urbanísticos em Minas Gerais, inspirando a criação de novos espaços públicos e a revitalização de áreas urbanas em outras cidades do estado. Algumas cidades em Minas Gerais, como Divinópolis, Lagoa Santa, Três

Marias, Uberlândia e Uberaba, apresentam arquiteturas mais próximas às de Oscar Niemeyer para a Pampulha, seja por influência direta do arquiteto ou por seguirem os princípios do movimento modernista. Também algumas tentativas quanto ao uso e função, seguem a vocação histórica do complexo, ligada ao lazer, turismo e à habitação unifamiliar. Nesta arquitetura, procurava-se destacar os elementos geométricos e lineares, principalmente nos desenhos das fachadas sem elementos decorativos rebuscados.

Os elementos arquiteturais do projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer para a Pampulha foram replicados em várias outras construções e arquiteturas no interior de Minas Gerais, influenciando o desenvolvimento arquitetônico em todo o estado. Curvas e formas orgânicas, principalmente, sendo a predileção de Niemeyer, como as encontradas na Igreja de São Francisco de Assis, Casa do Baile e outras edificações da Pampulha, foi repetida em diversas outras construções no interior de Minas Gerais. Muitos arquitetos se inspiraram nesse estilo e aplicaram essas formas em edifícios públicos, residenciais e comerciais. Deixando um legado duradouro na arquitetura de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais, influenciando gerações de arquitetos e contribuindo para a diversidade e riqueza do patrimônio arquitetônico do estado.

A Pampulha é um símbolo vivo da cidade e carrega múltiplos significados e memórias para aqueles que vivem em Belo Horizonte. Este aspecto se insere no pensamento do historiador francês, Pierre Nora, conhecido por suas contribuições para o estudo da memória e da identidade cultural. Nora (1993) nos mostra que em relação à representatividade da cultura no espaço urbano, ele aborda a ideia de "lugares de memória" (*lieux de mémoire*) que são locais físicos onde a memória coletiva de uma sociedade se cristaliza e é preservada. Os lugares de memória são espaços físicos, como

monumentos, edifícios históricos, museus, cemitérios, ruas e outros locais urbanos que se tornam símbolos tangíveis da identidade e da história de uma comunidade. Esses lugares não apenas contêm objetos e artefatos culturais, mas também carregam significados simbólicos e emocionais que conectam as pessoas ao passado e à herança cultural de sua sociedade.

Ele também argumenta que, em um contexto urbano, os lugares de memória desempenham forte papel crucial na construção e na representação da identidade coletiva de uma cidade ou comunidade. Eles servem como pontos de referência físicos e emocionais que ancoram as pessoas em sua história compartilhada e ajudam a moldar sua compreensão do presente.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos

[...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (Nora, 1993, p. 12-13).

Além disso, Nora enfatiza que os lugares de memória não são apenas espaços estáticos, mas também locais de contínua negociação e reinterpretação da história e da identidade cultural. Eles podem ser contestados, reinterpretados e reivindicados por diferentes grupos dentro da sociedade, refletindo assim as mudanças nas narrativas históricas e nos valores culturais ao longo do tempo. Em resumo, Pierre Nora destaca a importância dos lugares de memória no espaço urbano como locais de preservação, representação e negociação da cultura e da identidade coletiva de uma sociedade.

Essa modernidade refletida por Belo Horizonte se estendeu às cidades do interior de Minas Gerais, que buscavam seguir o exemplo da capital em diversos aspectos. Projetos de renovação urbana, melhorias na infraestrutura, investimento em tecnologia e

sustentabilidade são algumas das iniciativas adotadas. Além disso, a cultura também é impactada, com a promoção de eventos culturais e a valorização do patrimônio histórico aliada a uma visão contemporânea de desenvolvimento. As cidades do interior apresentam características próprias e desafios específicos na adaptação da ideia de modernidade, e visam promover o convívio social, a qualidade de vida e a eficiência energética, refletindo a preocupação com o meio ambiente.

Contudo, para Néstor García Canclini, antropólogo argentino conhecido por seus estudos sobre cultura e globalização na América Latina, em sua abordagem sobre a relação entre memória e os sítios urbanos, nos mostra a cultura urbana e a transformação das cidades contemporâneas. Canclini (1999) observa que os sítios urbanos, como ruas, edifícios históricos, praças, monumentos e bairros, são locais onde a memória coletiva se materializa e se manifesta de maneira particular. Esses sítios não apenas carregam vestígios do passado, mas também funcionam como pontos de encontro entre diferentes tempos históricos, narrativas e identidades culturais. O Conjunto Moderno da Pampulha foi concebido em meados do século XX, durante a época da expansão de Belo Horizonte, que havia sido previsto como parte do projeto urbanístico do engenheiro Aarão Reis.

Com o passar do tempo e as mudanças sociais, a Pampulha começou a adquirir novos significados e funções, refletindo uma transição de um símbolo do elitismo para um símbolo da sociabilidade (Frugoli Júnior, 2007). Em suas análises sobre os usos culturais do patrimônio, Canclini destaca como a memória é construída, negociada e contestada nos espaços urbanos, refletindo as complexidades e os conflitos presentes na sociedade. Os sítios urbanos se tornam locais de disputa simbólica, onde diferentes grupos sociais reivindicam e reinterpretem a história e a identidade local de acordo com

seus próprios interesses e perspectivas. Ele observa como as cidades contemporâneas são marcadas por processos de transformação rápida e desordenada, onde a preservação do patrimônio histórico muitas vezes entra em conflito com o desenvolvimento urbano e a expansão capitalista.

El patrimonio cultural sirve, así, como recurso para reproducir las diferencias entre los grupos sociales y la hegemonía de quienes logran un acceso preferente a la producción y distribución de los bienes. Los sectores dominantes no sólo definen cuáles bienes son superiores y merecen ser conservados; también disponen de medios económicos e intelectuales, tiempo de trabajo y de ocio, para imprimir a esos bienes mayor calidad y refinamiento (Canclini, 1999, p.18).

Com o tempo, a importância da sociabilidade e do lazer na vida urbana cresceu. As pessoas começaram a valorizar mais os espaços públicos como locais de encontro, interação social e expressão cultural. A Pampulha, com sua beleza arquitetônica e ambiente agradável, naturalmente se tornou um ponto de encontro popular para os belo-horizontinos. A programação de eventos culturais, atividades recreativas e exposições no Museu de Arte da Pampulha (antigo Cassino) contribuiu para sua transformação em um espaço de sociabilidade. Concertos ao ar livre, festivais e feiras gastronômicas entre outras atividades atraem pessoas de todas as idades e origens, promovendo a interação social e a diversidade cultural. E como um espaço público aberto, o Conjunto Moderno da Pampulha também é um local onde os belo-horizontinos podem expressar-se e participar de atividades diversas, o que torna a Pampulha em um espaço de significado ainda mais profundo para os habitantes locais.

Foi por meio da arquitetura modernista que elementos como janela em fitas, telhado borboleta, janelas em veneziana e revestimentos cerâmicos foram difundidos, não só nos exemplares de arquitetos reconhecidos pela crítica, mas em uma produção, e por que não reprodução, coletiva sendo responsável pela construção de diversos bairros e cidades nesse período. Nestes locais nem sempre as edificações são exemplares

excepcionais, mas são construções em que se percebe uma qualidade arquitetônica e que fazem parte da paisagem cotidiana da cidade, mas que em certa medida, passam despercebidos no âmbito da crítica e da academia.

Também a arquitetura sensível à mudança social e que mitiga a vida dos segmentos desatendidos da população é aquela que recebe mais adesões e a que se torna mais fácil de elogiar. Por isso não é difícil entender por que a arquitetura de baixa renda tem constantes prerrogativas, mesmo quando o conjunto habitacional subverte a construção definitiva da cidade ou fica a dever um resultado formal e construtivo aceitável (Espallargas Gimenez, 2009).

Embora muitas dessas construções sejam vistas como comuns e, muitas vezes, negligenciadas pela crítica acadêmica, elas representam uma qualidade arquitetônica significativa na paisagem urbana. Espallargas Gimenez (2009) ressalta a resistência do campo acadêmico em abordar a arquitetura popular⁷, segundo ele, essa resistência para tratar dessa “arquitetura comum” no campo acadêmico, deve-se frequentemente ao fato de se estar fora da seleção de projetos prestigiados e por ser uma produção sem engajamento, o que fez com que fosse muitas vezes vista negativamente. Essa visão negativa reflete uma dificuldade em ampliar o conhecimento sobre a produção arquitetônica do século XX, que se concentra demasiadamente em figuras célebres, ignorando práticas que atendem segmentos sociais menos favorecidos.

Dessa forma, é por meio da arquitetura moderna e seus elementos, como janela em fitas, telhado borboleta, janelas em veneziana e revestimentos cerâmicos, que esta foi difundida. E não só nos exemplares de arquitetos reconhecidos pela crítica, mas em uma produção coletiva responsável pela construção de diversos bairros e cidades nesse período. Onde edifícios que não são exemplares excepcionais, mas em que se percebe

⁷ A arquitetura popular é definida como aquela produzida por autoconstrução ou por profissionais de pouca notoriedade, e por vezes com a presença de uma tipologia construtiva mais acessível, e que se apropria do estilo modernista, ao utilizar técnicas e acabamentos variados, em alguns casos simplórios, mas que também é espontânea e pragmática, com as construções refletindo a necessidade de habitar e adaptar-se ao ambiente.

uma qualidade arquitetônica e que fazem parte da paisagem cotidiana da cidade, em certa medida, passam despercebidos no âmbito da crítica e da academia.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Denise Marques. **A arquitetura política e cultural do tempo histórico na modernização de Belo Horizonte (1940-1945)**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

BARRETO A. **Belo Horizonte: Memória Histórica e Descritiva: História Antiga**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. Vol.1.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Micelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989.

CANCLINI, N. G. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: AGUILAR, E. C. (Org.). In: **Patrimonio etnológico: nuevas perspectivas de estudio**. Andalucía: Junta de Andalucía/Consejería de Cultura, 1999, p. 16-33.

CHOAY, F. (2008). Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX. In: **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 6, p. 8-21. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3110>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ESPALLARGAS GIMENEZ, Luis. A propósito do juízo da arquitetura paulistana. (2009). In: **Vitruvius**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.105/73>. Acesso em: 27 abr. 2024.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Conjunto Moderno da Pampulha: Candidato a Patrimônio Cultural da Humanidade**: Dossiê de candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha para inclusão na Lista do Patrimônio Mundial. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/FMC_dossie_conjunto_moderno_%20da_pampulha.pdf. Acesso em: 27 abr. 2024.

LE CORBUSIER. Vers une architecture. Paris: Flammarion, 2008. 254 p. (Coleção Champs Arts). [Obra original publicada em 1923].

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins e Revisão Técnica de Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006

MATTANA, Bárbara. Barco turístico fará passeios gratuitos na Lagoa da Pampulha ainda neste ano. In: **NÁUTICA**, 01/10/2025. Disponível em: <https://nautica.com.br/barco-turistico-passeios-gratuitos-lagoa-pampulha>. Acesso em: 02 out. 2025.

MENESES, U. T. B. de. Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da. **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. SP: Hucitec, 1996, pp. 88-99.

_____. **Uma História de Minha Vida**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993

SANSOT, Pierre. **Les gens de peu**. 1^{re} édition:1991. Presses Universitaires de France, 1991. Sociologie d'aujourd'hui. Paris, 2011.

TOFANI, F. P. Ornamentação, arquitetura e urbanismo republicanos em Belo Horizonte: intertextualidades, polimorfismos, dialéticas e outras confusões. In: STARLING, H. M. M. (org.). **Visionários: A Imaginação Republicana em Minas Gerais nos Séculos XVIII, XIX e XX**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (CD-ROM). Disponível em: <https://www.patrimonios.org/ensino-pesquisa-extensao/projetos/visionarios>. Acesso em: 27 abr. 2024

UNESCO. Valor Universal Potencial excepcional, atributos e limites. In **Preparação de candidaturas para o Patrimônio Mundial**. Brasília, Unesco Brasil, Iphan, 2013.

Endereço das Autoras:

Soraia Aparecida Martins Farias
Endereço Eletrônico: samf2008@ufmg.br

Renata Maria de Abrantes Baracho
Endereço Eletrônico: renatabaracho@ufmg.br